

Entre o susto e o signo: os tamanduás de Zilio

Luiz Camillo Osorio

2011

A pintura de Carlos Zilio tem uma contenção própria. Ela recusa o olhar fácil que só se preocupa com o já visto. Há que perder tempo vendo o que não se sabe. Há um tamanduá nestas telas. Ele está lá, existe como figura e como memória. Mais do que imagem é uma mancha, uma forma sangrada, um espectro, um fantasma. Ser mais mancha que imagem significa que ele não é gráfico, mas pictórico, não tem precisão, nem limite. Desentranha-se de algum fundo indefinido.

A história privada - o sentido por trás das coisas - é sempre perigosa em arte. Em tudo. Explica facilitando ou facilita explicando. Cria a tal preocupação com o já visto que nos desobriga diante do sem nome que se apresenta ao olhar e à imaginação. Neste caso, todavia, é inevitável. Não há que temer os fatos, o Real. O tamanduá entrou na pintura de Zílio ainda nos anos 1980. Vinha como memória afetiva, luto diante da perda do pai, homenagem do pintor ao bicho de estimação inusitado. Ele vinha como queda, com caveiras e impressão das mãos.

Se lá nas pinturas de 86 ainda era imagem, agora surge como mancha, mais indefinida. É um flash, passa como se fosse um raio inconsciente que se reinventa como pintura, imprimindo-se na tela. Como lidar com estes fantasmas interiores? Assumindo-os. Eles aparecem por todo lado. Na saída do elevador do ateliê, o tamanduá, surpreendentemente ou não, está gravado no chão. O chão foi decalcado para a tela, são continentes e tamanduás marcados na lona usada que cobria o piso e sobre a qual o artista pintava. Uma camada de memória sobre outra. É tudo sobreposição e ruído, a temporalidade da vivência pessoal confundindo-se e reinventando-se junto à temporalidade do que escapou como excesso de pintura. Freudianamente, é a recordação de algo que jamais fora esquecido pois nunca foi consciente.

Para não deixar tudo isso dissolver-se no sentimentalismo fácil, mantém-se a austeridade do gesto, a redução da paleta, a tensão da figura e do fundo que enerva a forma. Nos desenhos, o tamanduá é um registro reduzido, mais pacificado e cósmico, deixando de ser susto para ser signo. Ou os dois irmanados: susto e signo, memória e criação.

Copyright do autor

publicado em www.carloszilio.com